

APRESENTAÇÃO

No mesmo ano e mês – novembro de 1913 – em que Marcel Proust conseguiu, afinal, publicar *Du côté de chez Swann*, Albert Camus nasceu em Mondovi, na Argélia. Neste volume, três artigos e uma tradução dedicam-se a lembrar esses centenários e os escritos desses dois autores que estão entre os maiores do século XX.

O artigo de Carla Cavalcanti aproxima o ensaio de Stendhal (1783-1842), “*De l’Amour*”, de 1822, e o primeiro romance de *A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust (1871-1922), e intitula-se “*De l’amour à un amour de chez Swann*”. Nele, a concepção de amor dos dois escritores é analisada tomando como ponto de partida a janela iluminada de Odette que, lembra a articulista, tem seu germe na nona parte do romance inicial, inacabado, de Proust, *Jean Santeuil*, o qual retoma, justamente, o título de Stendhal, “*De l’amour*”. Proust observa aí que, embora materialista, Stendhal acredita que se encontra na vida interior, na alma, e não no ser amado, a origem do sentimento amoroso. É conhecida a filosofia amorosa proustiana, baseada na angústia e no sofrimento pela impossibilidade de se possuir o ser amado. Para Carla Cavalcanti, assim, as concepções do amor dos dois romancistas convergem, embora com algumas diferenças essenciais. É a análise dessas diferenças que ela desenvolve em seu texto, buscando mostrar que de *Jean Santeuil à Recherche* o diálogo inicial é abandonado, o que torna o intertexto stendhaliano menos explícito.

Outro artigo dedicado a Proust o aproxima, dessa vez, de Jean-Paul Sartre e do contexto brasileiro: “Um Proust mal lido, mas vivo? Nota sobre a recepção do romance proustiano nos decênios de 40 e 50”, de Alexandre Bebian. Ele lembra que muito cedo Proust teve ampla recepção no Brasil e cita escritores de projeção nessas duas décadas – Augusto Meyer, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freire – que não esconderam sua admiração pelo autor francês. Mas o interesse do articulista é o exame das leituras que dele fizeram também, na mesma época, Jean-Paul Sartre, na França, e Antonio Candido, no Brasil. Sartre nunca escreveu diretamente sobre Proust, mas o cita com frequência em seus ensaios, estudos e entrevistas, de maneira que se pode

considerar ambígua. De um lado, considera-o representante de uma literatura da subjetividade a serviço dos privilégios de uma classe. Mas, por outro, ao discutir o realismo socialista com os marxistas do Leste, Sartre o menciona como um dos grandes escritores do Ocidente, que ele próprio toma como modelo para suas narrativas e investigações filosóficas. Quanto a Antonio Candido, Bebiano revela que, em atividade crítica e de pesquisa, ele escreveu ao menos nove textos em que abordou direta ou indiretamente Proust. Inicialmente, no entanto, como crítico de jornal, em nota de rodapé de 1943, Candido fez severo julgamento de valor do autor, por ocasião dos vinte anos de sua morte. Mas, em quatro resenhas publicadas no final do decênio de 50, mostra atitude mais compreensiva e teórica sobre o estilo de Proust. Tanto no caso de Sartre, quanto no de Antonio Candido, o articulista examina as razões que permitiriam compreender sua atitude.

No último texto sobre esse autor, “Marcel Proust aproxima-se dos irmãos Goncourt”, Regina Salgado Campos e Guilherme Ignácio da Silva situam a relação da obra dos Goncourt com a de Proust. Para isso, apresentam uma nova tradução, comentada, do pastiche do *Diário* dos Goncourt que aparece no último volume de *A la recherche du temps perdu*. Os articulistas observam que essa relação se dá, de um lado, na coleta de imagens para reler os impasses da história individual e a própria história da França; de outro, na retomada e na encenação de uma das teses centrais do projeto contra Sainte-Beuve – a da desproporção entre o ser social e o ser criador.

Para lembrar Albert Camus (1913-1960), sem dúvida a tradução da conferência que fez em Estocolmo, por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel, em 10 de dezembro de 1957, é um texto que representa bem uma síntese do pensamento do autor. Lídia Rogatto propôs uma tradução que permitirá aos leitores entrar em contato ou retomar a reflexão que o laureado fez sobre o trabalho, a vocação e, sobretudo, o necessário engajamento do artista em meio a sua geração em todos os momentos em que é chamado a participar nos grandes acontecimentos, como as Grandes Guerras mundiais que afetaram particularmente o autor franco-argelino.

O volume traz, também, uma série de artigos sobre épocas, textos e autores vários, que serão apresentados em uma sequência que obedece apenas à cronologia de seu aparecimento na história literária.

Em “Carlos Magno e Rolando: Heróis do discurso maravilhoso em *A canção de Rolando*”, Maria do Carmo Faustino Borges aborda esse texto que

pertence ao acervo da literatura popular-oral e é a primeira obra francesa da Idade Média. Trata-se, como se sabe, de uma canção de gesta, poema épico, de autor desconhecido, que faz parte das histórias de invasão dos Mouros, da Alta Idade Média e da resistência dos cristãos. A adaptação e a difusão das canções de gesta, segundo os historiadores, eram feitas principalmente pelos trovadores do século XI, os quais, em suas peregrinações, transmitiam ao público as tradições locais que iam recolhendo, tornando-se desse modo responsáveis por fazer da literatura oral um mecanismo de transmissão da memória. A canção narra a lenda do herói Rolando, sobrinho e principal cavaleiro de Carlos Magno, e sua participação na batalha de Roncesvales. Ele é o modelo do cavaleiro cristão medieval e, lembra a articulista, foi criado possivelmente pela arte do poeta a partir do herói mítico da História, que foi Carlos Magno. E o maravilhoso estava profundamente integrado na busca de identidade do cavaleiro idealizado.

Da Idade Média saltamos para os tempos modernos, mais precisamente, no Romantismo. Em “Infância e juventude para uma autobiografia do século XIX: François René de Chateaubriand”, a articulista Beatriz Cerisara Gil segue o percurso do autor memorialista na construção de sua escrita autobiográfica, em *Mémoires d'outre-tombe*, na qual ela procura articular formação e trajetória pessoal com o quadro histórico para expor a construção de uma consciência memorialística moderna. Gil assinala, já em 1802, um capítulo de *Le Génie du Christianisme* – “Du vague des passions”-, no qual Chateaubriand (1768-1848), em meio às incertezas de uma época revolucionária, captou o que designou como *mal du siècle*, para definir os contornos do homem de seu tempo: um vazio de espírito que teria sua origem na especificidade dos laços sociais e políticos da vida moderna. A escrita das *Mémoires* levou cerca de quarenta anos e, em sua etapa final, o autor decidiu nela incluir o período de sua infância e juventude, e inserir nesse quadro estrito da autobiografia uma perspectiva mais ampla da realidade histórica.

O artigo seguinte trata de alguns “*Thèmes et approches dans la production critique de Baudelaire: Le Peintre de la vie moderne et Mon coeur mis à nu*”, e sua autora, Márcia Marques Marinho, toma esse poeta para ilustrar uma tendência na literatura europeia do século XIX que é a de autores que exerceram atividade crítica. Ao fazê-lo, buscavam projeção, e ganharam pontos teóricos e estéticos que permitem aos leitores não apenas ler e estudar sua produção poética e ficcional, mas também, às vezes, a literatura de maneira geral. Este artigo passa rapidamente por aquelas discussões estéticas que tornaram conhecidas as posições de Charles Baudelaire (1821-1867). Um desses temas é a mimesis que,

no poeta das *Fleurs du mal*, se relaciona com assuntos como a beleza, a natureza, o artificial e o papel do artista. O outro ponto de interesse do poeta é o que se refere ao dândi que, ao olhar baudelaireano, é um homem original, de grandeza e superioridade de espírito que constituem sua religião, é o homem revoltado contra a banalidade, o utilitarismo e cuja filosofia de vida não se submete às leis da civilização. Outros centros de interesse de discussão que lembram ao leitor a posição do crítico são a natureza e o artificial: para Baudelaire, enquanto a primeira obriga o homem a satisfazer seus mais baixos instintos, o esforço e a disciplina, trabalho artificial, vão torná-lo virtuoso. Por isso, a verdadeira beleza e o refinamento do espírito se atingem graças ao trabalho e ao artifício, o que, deve-se lembrar aqui, se opõe à teoria do bom selvagem de Jean-Jacques Rousseau e do século XVIII. Nesse mesmo sentido, para Baudelaire, a mulher é o ser mais integrado à natureza, o que a opõe, por exemplo, ao dândi. Enfim, a articulista observa que, para o poeta, o processo criador e as relações amorosas apresentam analogias: a complexidade das operações linguísticas impõe-se ao escritor e o faz sofrer da mesma maneira que, no caso do amor, um dos amantes se entrega ao outro que se tornará, assim, seu carrasco. Ao contrário do que pretende Victor Hugo no poema “*La fonction du poète*”, o poeta da modernidade quer se afastar dos homens para melhor observar o fluxo da vida, centro de seu prazer. Para isso, precisa também elevar-se acima deles para realizar sua tarefa, que é a de atingir um certo grau de refinamento estético que o aproxima da perfeição divina e o distancia do mundo físico. Curioso, deseja observar os agrupamentos humanos, a partir de *L’Homme des foules*, de E. Allan Poe, para ver, nos grandes centros que estão nascendo na Europa, o novo, com bom senso e sangue frio.

O artigo que vem a seguir, “Ptyx: a palavra em ação”, faz uma leitura dirigida do célebre “Soneto em ix” (*Ses purs ongles très haut dédiant leur onyx*), de Stéphane Mallarmé (1842-1898), detendo-se na palavra *ptyx* para buscar relacionar os significados e as interpretações atribuídos a ela, sem questioná-los, pelas inúmeras leituras que foram feitas do poema no último século, desde sua publicação. A autora, Fabiana Angélica Nascimento, apresenta seu próprio entendimento da palavra, à guisa de conclusão, vendo-a como palavra em ação, o que nos impele a uma reflexão mais profunda e atenta sobre a poesia mallarmeana.

Situando também o século XIX, o texto sobre “Guy de Maupassant, cronista de costumes e da vida literária”, de Ângela Neves, apresenta um Maupassant (1850-1893) jornalista, cronista que em seus escritos deu

contribuição importante, a qual estendeu-se por quinze anos (1876-1891) e resultou em mais de duzentos textos, sobre assuntos variados, entre eles a própria literatura, sempre exprimindo sua opinião pessoal sobre fatos e livros (cronista de costumes e cronista literário). No entanto, como observou um de seus críticos, preferiu refletir sobre os aspectos mais gerais da profissão de escritor, dentro da qual era a favor da originalidade e da liberdade do artista contra os preceitos de escola e da crítica de ocasião. Desenvolve, em algumas crônicas de arte, sua concepção sobre a pintura, ao observar as obras dos impressionistas seus contemporâneos. Observação importante, que faz em suas reflexões sobre as artes, o cronista leva-nos a uma melhor compreensão de sua formação como artista e suas escolhas como escritor, uma vez que estabelece relações intrínsecas entre os procedimentos da criação pictórica com os obstáculos da produção literária. Seus conceitos literários, esboçados em muitas crônicas, mostram a tentativa de teorizar sobre poesia, em que, como Baudelaire, defende o tema livre. Trata do fantástico em Turgueniev, Hoffmann e Poe, da epistolografia, que considerava em declínio, e da biografia, que utilizava para conhecer o autor, mas que mostram um caráter subjetivo que acaba por revelar mais do próprio Maupassant e de seus interesses pessoais. Como Baudelaire, repudiava o papel do escritor mentor dos povos, definido por Hugo, ou da arte pela arte. Para ele, o verdadeiro artista deveria sentir prazer em criar, motivado pelo amor à arte e pela busca da perfeição, o que justifica, sem dúvida, a sua oposição ferrenha à literatura de tendências. Finalmente, o estilo desses textos híbridos em formas e temas situa-se entre a ficção e a não ficção, entre a dissertação e o relato cotidiano, revelando um lado da criação maupassantiana que já se torna mais conhecida do público.

Também neste volume encontra-se um texto que contém a vida literária e pessoal de um poeta-tradutor, pouco conhecido pelo público da literatura francesa, mas que produziu, em pouco tempo, uma obra que abre caminho para novas perspectivas dentro das questões de criação poética e de tradução. Trata-se de “A obra do poeta polítradutor Armand Robin: marcas de uma existência em fuga”, no qual Maria Emília Pereira Chanut apresenta a vida literária e pessoal desse poeta bretão (1912-1961), cuja produção em poesia e em prosa está relacionada em grande parte com sua atividade tradutória. Tendo renunciado à Bretanha, foi sempre um inadaptado, mas mantinha relações com os grandes autores franceses de sua época, sobre os quais publicava seus escritos críticos em revistas como *Europe*, *Cahiers du Sud*, *Esprit*, entre outras. Seus primeiros poemas aparecem em 1935, e no ano seguinte dá a conhecer a parte inicial

(“Hommes sans destin”) do seu único romance, *Le temps qu'il fait* (1942). Suas produções literárias foram bastante diversificadas, marcadas todas por sua atividade de tradutor, e de maneira a fazer Antoine Berman mencioná-lo, ao lado de São Jerônimo, como exceções únicas de existências cujas biografias seriam relevantes na pesquisa para saber quem é o tradutor. Segundo Chanut, o trabalho de tradutor de Robin é nitidamente sobremarcado pelo momento histórico em que ocorreu, considerando os próprios momentos históricos dos poetas que traduziu, e o teor semântico de suas poesias, geralmente atreladas à problemática existencial. Logo após o aparecimento de seu romance *Le temps qu'il fait*, Maurice Blanchot dedicou-lhe um artigo (1943), intitulado “Roman et poésie”, considerando-o um grande poema, no qual a prosa busca o verso, e onde há uma aliança constante entre formas diversas de expressão. Observa ainda Blanchot que em Robin há uma vontade consciente de unir uma certa forma popular com a técnica refinada de uma arte preciosa, o que é raro na França. Esse romance revela muitos aspectos de Robin e de sua vida, que a articulista aborda do ponto de vista psicanalítico, ao analisar principalmente suas relações com os pais, o que se dá pela questão linguística. Finalmente, Chanut lembra que é a tentativa de fugir de si mesmo que o desvia para o outro, fazendo-o habitar perpetuamente o espaço da tradução, que lhe permite traduzir-se no outro.

Finalmente, o volume fecha-se com “Uma leitura de *O desenho no tapete* de Henry James e *Viagem de inverno* de Georges Perec, de Renata Lopes Araújo, a qual se detém na análise da enigmática novela de James (1843-1916), para apontar nela os procedimentos que reconhece no texto de Perec (1936-1982), escrito anos mais tarde. Araújo busca mostrar que há em ambos verdadeiras poéticas de leitura, problemas que obrigarão o leitor a mudar sua perspectiva habitual no momento de ler, para ter participação ativa naquilo que lê. Neste texto, a articulista busca, e alcança, ilustrar como, em Perec, a literatura surge na releitura e reescritura de textos, em sua recontextualização, e na criação de algo novo. Afinal, todo escritor está cercado por muitos outros e faz parte, com eles, de um conjunto inconcluso cujos espaços vazios devem ser ocupados pela obra futura.

